

Jean Laplanche e a *fidelidade infiel* a Freud: uma homenagem

*José Carlos Calich**, Porto Alegre

O artigo, uma homenagem a Jean Laplanche, se propõe a apresentar alguns elementos de sua trajetória pessoal e psicanalítica, introduzindo e contextualizando sua teoria da sedução generalizada e alguns de seus principais conceitos: o método de fazer Freud trabalhar, a centralidade do sexual, alteridade, mensagem enigmática, situação antropológica fundamental, inconsciente encravado e pseudoinconsciente do mito-simbólico, todos parte de seus Novos fundamentos para a psicanálise. Da mesma forma são apresentadas as polêmicas sobre a origem da pulsão e sobre a centralidade do complexo de Édipo decorrentes de sua teoria.

Palavras-chave: teoria da sedução generalizada, mensagem enigmática, situação antropológica fundamental, Jean Laplanche.

* Psiquiatra, psicanalista e membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Jean Louis Laplanche faleceu há aproximadamente um ano e meio, aos 87 anos, poucas semanas antes de completar 88, após meses de enfermidade. Estava em um hospital próximo à sua propriedade, o *Château de Pommard*, na Borgonha (Bourgogne), região da França, sede de seu antigo vinhedo.

Dividia seu tempo, juntamente com sua inseparável Nadine (esposa por 60 anos e falecida um ano antes que ele, em 2010), entre Paris e essa região central da França, rica em história, natureza e gastronomia. Seu *Château* foi por anos um espaço de referência tanto para a reflexão psicanalítica, quanto para o mundo dos conhecedores de vinhos. Local de célebres debates e encontros, onde se reuniam os vários grupos de estudo que conduzia, grupos de trabalho, de amigos e, desde 2009, também das reuniões da fundação que criou para dar continuidade à sua atividade e pensamento psicanalítico. Para os apreciadores, um lugar prestigiado, produtor de um vinho de alta qualidade e sofisticação. Laplanche e Nadine dirigiam pessoalmente todas as suas etapas de criação, do tempo da vindima, fermentação e envelhecimento à escolha de leveduras e materiais adequados. O muito premiado documentário de Agnès Varda (2000), *Les glaneurs et la glaneuse*, tem cenas da propriedade e uma breve entrevista com ele sobre seu vinhedo e sobre o núcleo de sua teoria psicanalítica.

Laplanche nasceu nesta mesma região e, durante sua adolescência, foi membro ativo da organização socialista Ação Católica para Justiça Social. Estudou filosofia na École Normal Supérieure, tendo sido aluno de Jean Hyppolite, Gaston Bachelard e Maurice Merleau-Ponty. Em 1943, durante o regime de Vichy, aderiu à resistência francesa, com atividades em Paris e na Borgonha (Fletcher & Osborn, 2000). Em 1946-47 na Universidade de Harvard, ao invés de seguir o departamento de filosofia, estudou no departamento de relações sociais, quando teve contato com a teoria psicanalítica. Ao retornar à França passou a frequentar os seminários de Jacques Lacan e logo iniciou um tratamento psicanalítico com ele.

Decidiu, então, estudar medicina e ingressar na formação psicanalítica na Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP). Enquanto aluno de medicina, continuou sua atividade política ligado ao Partido Comunista Internacional e logo, ao afastar-se do *trotskismo*, foi um dos fundadores da organização *Socialisme ou Barbarie* (Socialismo ou Barbárie). Na década de 50, deixou a organização por desavenças com Cornelius Castoriadis que, de acordo com a entrevista que Laplanche dá à revista *Radical Philosophy* (Fletcher & Osborn, 2000), dominava as publicações da organização pregando uma *inevitável 3ª guerra mundial*. Permaneceu até 1968 a favor da filosofia que sustentava o grupo *Socialismo ou Barbárie*, quando definitivamente afastou-se da política. Nesta mesma entrevista, diz que psicanálise

e atividade política são muito difíceis de serem mantidas ao mesmo tempo.

Laplanche e Serge Leclaire foram os primeiros pacientes a afastar-se de Lacan, discordando de sua postura técnica. Em 1964 deixa a SPP e funda, junto com outros ex-pacientes de Lacan e alguns outros opositores à sua técnica e postulados para a formação psicanalítica, a Associação Psicanalítica da França (*Association Psychanalytique de France* – APF), filiada à IPA, tendo sido seu presidente de 1969 a 1971 e depois seu membro honorário. Os outros membros fundadores são Daniel Lagache, Juliette e Georges Favez, Wladimir Granoff, Didier Anzieu, René Pujol, Jean-Louis Lang, Jean-Bertrand Pontalis, Victor Smirnoff e Daniel Widlöcher. A essa sociedade associaram-se também Guy Rosolato, Pierre Fedida, Laurence Kahn e Jacques André, entre outros conhecidos pensadores da psicanálise.

Laplanche tinha importantes preocupações com a relação da psicanálise com as instituições. Em entrevista à nossa *Revista*, realizada pelo colega Raul Hartke em 1997, diz:

A psicanálise está a perigo de tornar-se uma profissão de saúde. Isso significa estar subordinada ao poder institucional, tanto ao poder institucional das organizações de saúde quanto ao poder institucional das associações psicanalíticas [...] Vê-se, cada vez mais aqui na Europa, mas também em outros países, que a prática está subordinada à obrigação de resultados sintomáticos de saúde [...] Outro perigo, ainda sob o ponto de vista da prática, é que, em função dessa demanda social, a formação enquanto tal se torne uma formação que deve ser aceita e reconhecida pelas instituições [...] uma psicanálise ‘adaptada’ [...] Mesmo a psicanálise pessoal, que é o fundamento da formação analítica, tende a se tornar cada vez mais alguma coisa de institucional: é o que se chama de análise didática (*training analysis*) e eu tenho-me batido, há dezenas de anos, contra a própria ideia de ‘*training analysis*’. (“Entrevista com Jean Laplanche”, 1997, p. 188).

Foi *doctor honoris causa* das universidades de Lausanne, Buenos Aires e Atenas. Em 1990, foi nomeado Cavaleiro das Artes e Letras da República Francesa e, em 1995 vencedor do prêmio Mary S. Sigourney. Foi Professor Emérito da Universidade de Paris, onde lecionou de 1970 a 1993 tendo sido o introdutor do ensino da psicanálise na universidade na França em uma disciplina que chamou de Ciências Humanas Clínicas, na Sorbonne – Paris VII. Sua coleção *Problemáticas* (parcialmente traduzida ao português) é a síntese de seus cursos nesta universidade. Orientou muitas teses de doutoramento que incluíram um

expressivo número de doutorandos latino-americanos (principalmente do Brasil, Argentina e México).

Seu domínio da língua alemã, juntamente com uma intensa dedicação ao estudo de Freud, colocou-o a frente do projeto de tradução das *Obras completas de Sigmund Freud* para o francês, da Presses Universitaires de France, tarefa que tomou-lhe décadas e recentemente foi finalizada. Foi também diretor de várias coleções psicanalíticas desta editora e, por vinte anos, editor da revista, *Psychanalyse à l'Université*, que destacou-se por seu cuidadoso critério de publicação, visando à consistência e metodologia da argumentação de seus trabalhos (Jacques André, Yvon Brès, Maurice Dayan, Roger Dorey, Pierre Fédida, Jacques Gagey, Jean Guyotat eram alguns dos membros de seu comitê de redação).

Publicou seu primeiro livro, *Hölderlin e a questão do pai* (Laplanche, 1961), resultado de sua tese de doutoramento, em 1961. Em 1967, publica com Daniel Lagache e J-B Pontalis o imprescindível *Vocabulário da psicanálise* (nas edições seguintes edita-o somente em parceria com J-B Pontalis), que se tornou referência internacional para a compreensão de conceitos freudianos. Como ressalta Dominique Scarfone (2013), a obra comporta “principalmente, talvez, um percurso completo das fontes freudianas, juntamente com um exame crítico dos conceitos, de sua evolução, de seu lugar no corpo teórico como um todo” (p. 545).

Sua ampla erudição e, principalmente, conhecimento de filosofia o conduziu a um estudo rigoroso da obra freudiana com um método próprio. Este envolvia uma contínua busca da origem e do caminho de construção de conceitos, na mesma linha que, posteriormente, Jacques Derrida, em seus estudos, veio a chamar de *desconstrução*. Esse método, segundo palavras do próprio Laplanche que se tornaram emblemáticas, consistia em *fazer Freud trabalhar*.

Laplanche menciona que a palavra trabalho é uma expressão cara a Freud, que nos fala de trabalho do sonho ou de trabalho do luto e de uma noção que nos faz pensar também em trabalho de parto, é uma forma de dar à luz. É igualmente uma noção hegeliana. Não se trata de trabalho sobre, é também um movimento interior, como o de um móvel que trabalha em sua própria tensão, em seu *ranger*. Há uma tensão entre fazer trabalhar e deixar trabalhar. Fazer trabalhar Freud é uma forma de ajudar Freud a trabalhar, é deixá-lo ir até o fim de suas hipóteses, de suas especulações, mas também de suas contradições e suas aporias. Laplanche coloca, como exemplo, que a teoria da sedução em Freud não é abandonada, mas reprimida; diz isto e demonstra que ela prossegue uma vida subterrânea na teoria. Propõe, portanto, fazê-la trabalhar em seu aspecto histórico e reprimido. Todo trabalho pressupõe

uma transferência com o texto, enquanto este se nos propõe como enigmático, diz Laplanche. Ressalta que o ecletismo não pode ser vencido pelo dogmatismo. Um confunde, o outro esteriliza. Propõe fazer trabalhar Freud, Melanie Klein, Ferenczi, Lacan, como uma forma de superar a oposição estéril das escolas, verdadeira praga do mundo analítico. Não é pela via da fácil reconciliação, mas aprofundando cada uma das suas diferenças, que se pode fazê-las convergir assintoticamente (Sigal, 1990, p. 88).

A partir de 1968, dá os primeiros passos para a construção de sua própria teoria. Utiliza seu método de *fazer Freud trabalhar*, mas também *fazer Lacan trabalhar*. Para edificar sua *Teoria da sedução generalizada* (Laplanche, 1987, 1988), baseia-se essencialmente na noção de inconsciente, na teoria freudiana da sedução (para Laplanche, uma teoria da sedução restrita), no recalçamento desta teoria da sedução no pensamento de Freud e no *Desvio biologizante de Freud* (Laplanche, 1993). Porém o ponto de partida é a noção de *estrangeiridade do inconsciente* (Freud, 1895; Laplanche 1987) e o recuo de Freud em relação ao descentramento do homem em relação a seu inconsciente (Laplanche, 1987).

Tomando a ideia do inconsciente como a *outra coisa em nós*, o *corpo estranho*, o *estrangeiro* (Freud, 1895, 1915), Laplanche chama a atenção que o recalçamento da teoria da sedução e o seguinte desvio biologizante da teoria freudiana retiram sua característica fundamental de ser *outro*, de ser alheio. Utilizando seu método, retoma a obra freudiana em busca das origens desses conceitos, seus caminhos e desvios, chegando a uma nova formulação sobre a origem do psiquismo humano, tornando geral a situação de sedução que, para Freud, era restrita à psicopatologia histórica.

Sua nova formulação, seus *Novos fundamentos para a psicanálise* (Laplanche, 1987), propõe uma *situação antropológica fundamental*, da qual faz parte o pequeno ser humano (desprovido de psiquismo, mas aberto à comunicação, portanto a mensagens), um mundo adulto em que se destaca uma sexualidade reprimida e dissociada e uma função tradutiva, parte do equipamento constitutivo do *homo sapiens sapiens*. No âmbito desta situação fundamental, o pequeno ser humano recebe mensagens autoconservativas e sexuais dos adultos. Para as autoconservativas, há, como em outros animais, códigos constitutivos para sua tradução. Para aquelas de cunho sexual (que têm a força da sedução), desconhecidas pelos adultos por seu caráter inconsciente, reprimido e dissociado, faltariam códigos para tradução, o que as tornaria *mensagens enigmáticas*. Os esforços

para sua tradução são o centro do estímulo à existência do psiquismo e da transformação do ser humano em essencialmente *humano*.

A busca de tradução destas *mensagens enigmáticas* vai criando o psiquismo e seus espaços. O movimento de tradução, perda da tradução, repressão da tradução, pressão das mensagens não traduzidas e todos seus correlatos vão constituindo o psiquismo normal e o patológico. Em 2003, em artigo publicado primeiramente em nossa *Revista* (Laplanche, 2003), descreve, detalha e aprofunda a tópica desta nova configuração. Deste fazem parte o inconsciente encravado, o inconsciente reprimido e o pseudoinconsciente do mito-simbólico, esse último constituído dos elementos narrativos veiculados pela cultura que servem de auxiliares à tradução, podendo promovê-la ou dificultá-la. Essa nova formulação tópica permite uma melhor compreensão das situações de não tradução das mensagens enigmáticas, tanto por conterem um conteúdo *puramente sexual*, como por conterem a desmentida em sua constituição (Calich, 2006; Laplanche 2006). Essas novas possibilidades abrem caminho para a compreensão das patologias como o fanatismo, as chamadas patologias atuais (por exemplo a *hiperedipolização midiática contemporânea* (Laplanche, 2006), no quadro da *teoria da sedução generalizada* (Calich, 2006), ou a compreensão da construção da identidade de gênero e suas dificuldades (Laplanche, 2007).

Com estas modificações, Laplanche reestabelece o sexual como centro do psiquismo humano (Laplanche, 1987, 2007) e a alteridade como sua fonte originária. A magnitude destas alterações leva a modificações fundamentais no corpo teórico da psicanálise bem como em sua teoria da técnica e técnica. Uma das geradoras de maior polêmica está relacionada à ideia de que a pulsão para Laplanche deixa de ser uma transformação de um instinto biológico e passa a ser originada na sexualidade do outro, na alteridade (Laplanche, 1987, 2003, 2007).

O domínio da psicanálise não é o endógeno. O domínio da psicanálise – que é o domínio das pulsões sexuais (que chamo pulsão sexual de vida e pulsão sexual de morte) – está ‘fora do biológico’. Esse domínio fundamenta-se no domínio biológico, mas está fora do biológico, ele é relacional. E, nesse relacional, coloco o primeiro acento não no vetor que vai de mim para o outro, mas no vetor que vem ‘do outro para mim’. (“Entrevista com Jean Laplanche”, 1997, p. 191).

Essa mudança de *vetor que vem do outro para mim* é o que Laplanche destaca como sendo a complementação da *Revolução copernicana inacabada* iniciada por Freud (Laplanche, 1987, 1992).

Outro tema decorrente de suas novas formulações teóricas e que está cercado de polêmica é sobre o complexo de Édipo: “Para mim o complexo de Édipo não é o complexo nuclear do inconsciente, ele é uma maneira de organizar o inconsciente” (“Entrevista com Jean Laplanche”, 1997, p. 192). O Édipo seria um dos vários mitos oferecidos pelo pseudoinconsciente do mito-simbólico, como auxiliar para a tradução das mensagens enigmáticas, tendo, portanto, um papel organizador da fantasia e do mundo das representações que se cria a partir da tradução das mensagens, com importantes repercussões para a teoria e para a clínica (“Entrevista com Jean Laplanche”, 1997; Van Haute, 2005).

Foi um dos maiores conhecedores da obra freudiana e, como já se disse, dedicou grande parte de sua vida como psicanalista a estudá-la, compreendê-la, difundi-la e trabalhar sobre ela. Brincava com a ideia de que tinha uma fidelidade infiel a Freud, pois o seguia fielmente até que encontrava um desvio, uma incoerência e dele se afastava, era infiel e criava seu próprio conceito, retomando a possível origem não desviada do conceito. Devido a uma das ironias do destino, faleceu no dia seis de abril de 2012. Seis de abril... o dia do nascimento de Freud.

Jean Laplanche era um homem gentil, generoso e agradável. Era muito preciso em suas colocações e irradiava uma erudição incomum. Sua cultura, psicanalítica e não psicanalítica, transformava qualquer debate com ele em momentos de profundo aprendizado. Assim como era firme em suas posições, aceitava com prazer pontos de vista divergentes, desde que os pudesse ver como fecundos, o que demandava de seu interlocutor razoável precisão, coerência e fundamentação. Foi um privilégio propiciado por ele poder partilhar tantos debates, algum convívio, a imersão em temas tão fundamentais à psicanálise e a participação na comissão científica de sua Fundação Jean Laplanche – Novos Fundamentos para a Psicanálise. Sua perda, além do luto pessoal, abre uma lacuna no pensamento psicanalítico criterioso, criativo e inspirador. Tomando a liberdade afetiva de ser também infiel a seus conceitos centrais, ressalto que o enigma de suas mensagens necessitará um árduo, contínuo e prolongado trabalho de tradução, conhecimento de suas aplicações e transmissão. Resta, como disse seu amigo JB Pontalis nas cerimônias fúnebres de 14 de abril de 2012, homenagear, em Jean, o amigo, brilhante psicanalista, pensador, filósofo, tradutor e vitivinicultor com um brinde, como fizera muitas vezes: “Salut, Jean”. □

Abstract

Jean Laplanche and the *infidel fidelity* to Freud: a tribute

The manuscript, a tribute to Jean Laplanche, intends to present some elements of his personal and psychoanalytic trajectory, introducing and contextualizing his *general seduction theory* and some of his main concepts: the method of *making Freud work*, the centrality of sexual, alterity, enigmatic message, fundamental anthropological situation, unconscious enclave, and pseudo-unconscious of the symbolic myth, all part of his *New foundations for psychoanalysis*. The controversies on the origins of drive and on the centrality of the Oedipus complex due to his theories are likewise presented.

Keywords: general seduction theory, enigmatic message, fundamental anthropological situation, Jean Laplanche.

Resumen

Jean Laplanche y la *fidelidad infiel* a Freud: un homenaje

El artículo, un homenaje a Jean Laplanche, se propone presentar algunos elementos de su trayectoria personal y psicoanalítica, introduciendo y contextualizando su *teoría de la seducción generalizada* y algunos de sus principales conceptos: el método de *hacer Freud trabajar*, la centralidad del sexual, alteridad, mensaje enigmático, situación antropológica fundamental, inconsciente enclavado y pseudoinconsciente del mito-simbólico, todos parte de sus *Nuevos fundamentos para el psicoanálisis*. Del mismo modo son presentadas las polémicas sobre el origen de la pulsión y sobre la centralidad del complejo de Edipo derivadas de su teoría.

Palabras clave: teoría de la seducción generalizada, mensaje enigmático, situación antropológica fundamental, Jean Laplanche.

Referências

Calich, J. C. (2006) Pour «faire travailler» la topique laplanchienne. *Psychiatrie Française*, 37 (3), 34-44.

Entrevista com Jean Laplanche (1997). *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 4 (1), 183-97.

- Fletcher, J. & Osborn, P. (2000). The other within: rethinking psychoanalysis. *Radical Philosophy*, 102, 31-41
- Freud, S. (1915) *O inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1895). *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago.
- Laplanche, J. (1987) *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. (1988). *Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1961). *Hölderlin et la question du père*. Paris: PUF.
- _____. (1992). *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier.
- _____. (1993). *Le fourvoisement biologisant de la sexualité chez Freud* (Les empêcheurs de penser en rond) Paris: Synthelabo.
- _____. (2003). Três acepções da palavra inconsciente à luz da teoria da sedução generalizada. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 10 (3), 403-18.
- _____. (2006). Reponse de Jean Laplanche a José Carlos Calich. *Psychiatrie Française*, 37 (3), 45-47.
- _____. (2007). *Sexual: La sexualité élargie au sans freudienne 2000-2006*. Paris: PUF.
- Laplanche, J. & Pontalis J.-B. (1967) *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Scarfone, D. (2013). A brief introduction to the work of Jean Laplanche. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 94 (3), 545-66.
- Sigal, A. M. (1990). Fazer justiça ao texto: um encontro com Jean Laplanche em Buenos Aires. *Percurso*, 4 (5/6), 88-91.
- Van Haute, P. (2005). Infantile sexuality, primary object-love and the anthropological significance of the Oedipus complex: Re-reading Freud's 'Female sexuality'. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 86 (6), 1661-78.
- Varda, A. (Produtor/diretor). (2000). *Les glaneurs et la glaneuse* [Filme-vídeo]. França: Cine Tamaris.

Recebido em 11/11/2013

Aceito em 20/11/2013

Revisão técnica de **Tula Bisol Brum**

José Carlos Calich

Rua 24 de Outubro, 838/603

90510-000 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: jccalich@via-rs.net

© Revista de Psicanálise – SPPA